

5 Conclusão

Considerando a força dos três argumentos anti-materialistas defendidos por Chalmers e a possibilidade de doutrinas alternativas não materialistas, devemos definitivamente abandonar o materialismo? Parece que sim. A consciência não pode ser explicada por análises exclusivamente objetivas, de terceira pessoa, em termos de estrutura e função, condenando qualquer tentativa reducionista ao fracasso. E essa impossibilidade explanatória implica muito provavelmente que a consciência é uma propriedade que não supervém logicamente à totalidade dos fatos físicos, o que nos leva a crer que não seja de natureza física, e sim algo ontologicamente distinto.

Em última instância, os argumentos contra o materialismo consistem numa tentativa de explicitar a intuição fundamental de que a consciência existe e que descrições físicas do mundo não explicam sua existência. A maneira mais direta de resistir a tais argumentos é adotar a posição eliminativista em relação à consciência. Como vimos, o grande divisor de águas na filosofia da mente consiste na aceitação ou não do hiato explanatório gerado pelo problema difícil da consciência. Para os que não reconhecem o problema, a consciência é determinada apenas pelo que ela *faz*, em termos comportamentais ou funcionais, e não pelo que ela *é*, em termos experienciais ou fenomenais. No entanto, essa posição é totalmente contra-intuitiva: uma descrição exclusivamente funcional ou comportamental da consciência não inclui a experiência subjetiva – aspecto central de nossa existência. Portanto, o eliminativista sequer reconhece o hiato epistemológico entre fatos físicos e fenomenais, responsável pelo problema difícil da consciência.

Os três argumentos estudados partem da constatação desse hiato epistemológico, para então tentar inferir o hiato ontológico necessário para se refutar o materialismo. O argumento explanatório evidencia a impossibilidade de se explicar redutivamente a consciência: não pode haver nenhuma propriedade física (em termos de estrutura e função) que além de preencher os papéis

funcionais relevantes para o conceito de consciência, explique também seu caráter inexoravelmente fenomenal. O argumento do conhecimento, por sua vez, evidencia a impossibilidade de conhecermos propriedades fenomenais a partir do conhecimento da totalidade dos fatos físicos. Por último, o argumento da conceitabilidade evidencia a possibilidade lógica de um mundo fisicamente indiscernível ao nosso, mas sem consciência. Em suma, os três argumentos reforçam a intuição de que a consciência não é implicada *a priori* da totalidade dos fatos físicos, revelando o abismo epistemológico entre fatos físicos e fenomenais, o que já é bastante grave para o materialismo, mas ainda deixa em aberto a questão da redução ontológica.

De fato, mesmo tendo reconhecido o problema difícil da consciência, o materialista pode ainda recorrer a objeções utilizando o conceito de necessidade *a posteriori* para defender que os argumentos contra o materialismo apenas demonstram um hiato explanatório ou epistemológico, mas não implicam um hiato de caráter ontológico. Segundo esses materialistas (tipo-B), haveria uma conexão lógica entre a consciência e o mundo físico, inacessível *a priori*, mas que poderia vir a ser descoberta empiricamente, tal como no caso da identidade “água é H₂O”, cuja necessidade é estabelecida *a posteriori*. Se algo é necessário, significa que é verdadeiro em todos os mundos logicamente possíveis. Assim, “água é H₂O” passa a ser verdadeiro em todos os mundos logicamente possíveis; em mundos em que uma substância aquosa é XYZ, essa substância não pode ser considerada como sendo água. A objeção materialista sugere que a consciência seria um caso análogo, sendo reduzida *a posteriori* a propriedades físico-funcionais.

Nesse sentido, o argumento explanatório apenas evidenciaria uma lacuna explanatória, mas não ontológica; Mary não conheceria novos fatos ao experienciar a cor vermelha pela primeira vez, mas sim fatos antigos sob novo modo de apresentação; e mundos zumbis seriam possíveis logicamente, mas não metafisicamente: mundos zumbis seriam apenas aparentemente concebíveis, pois a propriedade ausente nesses mundos seria apenas algo que parece consciência, mas não seria a consciência em si, a qual em realidade superviria logicamente aos fatos físicos por ser uma propriedade físico-funcional.

Mas o fato é que a consciência escapa a análises desse tipo, envolvendo necessidade *a posteriori*. Para responder a tais objeções, a análise semântica

bidimensional, ao distinguir entre intensões primárias e secundárias para cada conceito, torna mais precisas as conexões entre conceitos e propriedades, e entre conclusões epistemológicas e ontológicas. Como vimos, uma estratégia de resposta à objeção materialista consiste em demonstrar que a propriedade designada pela intensão primária de consciência não supervém ao físico e que essa propriedade desempenha um papel fundamental para nossa compreensão do mundo. No caso da água, foi preciso demonstrar que H_2O preenche adequadamente os papéis funcionais previamente atribuídos ao conceito inicial de água, conforme sua intensão primária. A intensão primária de “água” designa uma propriedade que foi posteriormente “rigidificada” como sendo H_2O . Toda explicação redutiva parte necessariamente da intensão primária dos termos para então encontrar uma função ou estrutura que desempenhe os papéis causais relevantes.

No caso da consciência, a intensão primária, ou seja, nossa concepção ordinária acerca do que é a consciência, designa o que entendemos ser nosso universo experiencial, incluindo as mais variadas sensações, sentimentos, imagens etc. Assim como no caso da água, o sentido primário do termo “consciência” designa uma propriedade perfeitamente legítima. Mas essa propriedade, diferentemente da propriedade designada pela intensão primária de água (“coisa aquosa”) não supervém logicamente às propriedades físicas do mundo, o que, por definição, implica diretamente a refutação do materialismo.

Pode-se também alegar, como Kripke, que no caso da consciência não há distinção análoga àquela entre água e substância aquosa. Se algo é meramente sentido como sendo experiência, isso basta para qualificar a presença de consciência. Em outras palavras, as intensões primária e secundária coincidem.

A falha de superveniência lógica *a priori* da consciência à totalidade dos fatos físicos é ilustrada com clareza no argumento da conceptibilidade, o mais importante dos três. A possibilidade lógica de um mundo zumbi indica que propriedades fenomenais não são implicadas *a priori* pelo físico. A objeção de que um mundo zumbi não seria metafisicamente possível, apesar de logicamente possível, é rebatida utilizando-se a análise bidimensional. Para tanto, é preciso demonstrar que há um mundo possível onde as propriedades designadas pelas intensões secundárias das sentenças “totalidade das propriedades físicas” e “ausência de consciência” são satisfeitas. No caso da consciência, vimos que as

intensões primária e secundária coincidem, o que implica sua possibilidade metafísica a partir da possibilidade lógica. Da possibilidade metafísica da presença de consciência, infere-se a possibilidade metafísica de sua ausência. No caso da totalidade das propriedades físicas, sua possibilidade lógica parece implicar sua possibilidade metafísica, a menos que seja possível conceber um mundo estruturalmente idêntico ao nosso, com as mesmas propriedades extrínsecas conhecidas, mas que seria desprovido de supostas propriedades intrínsecas, subjacentes às propriedades extrínsecas, responsáveis pela presença de consciência em nosso mundo. Portanto, ou bem o mundo zumbi é metafisicamente possível, e, conseqüentemente, o materialismo é falso; ou bem o mundo físico possui propriedades intrínsecas responsáveis pela consciência, o que implica uma visão de mundo monista não materialista, como o “panprotopsi-quismo”.

Após estabelecer o hiato epistêmico, as conclusões modais servem de ponte para a conclusão ontológica no argumento da conceptibilidade. Esse último passo (do modal para o ontológico) não é tanto controverso, pois teses modais ameaçam diretamente o materialismo: se é logicamente possível um mundo fisicamente idêntico ao nosso sem consciência, então, após criar o mundo físico, Deus teria o trabalho extra de adicionar propriedades fenomenais ao mundo. Por outro lado, alguns filósofos, como Kirk, rejeitam o passo do hiato epistêmico para a conclusão modal, afirmando que o mundo zumbi não é logicamente possível. Esse tipo de crítica apóia-se no fato de que zumbis exibiriam comportamento totalmente idêntico aos seres humanos, incluindo juízos fenomenais, como “estou experienciando a cor vermelha” ou “sou consciente”. Segundo aqueles filósofos, isso levantaria dúvidas acerca da legitimidade de nossos próprios juízos fenomenais: afinal, nós também poderíamos ser zumbis sem nunca sabermos.

Ora, esse tipo de argumento falha simplesmente por descartar a experiência de primeira pessoa, por não levar a sério o fato de que a experiência ocupa um lugar central em minha posição epistêmica. Diferentemente dos zumbis, eu tenho experiência, por isso sei que não sou um zumbi. Um zumbi é como uma máquina programada para dizer tudo o que eu digo; portanto, seus juízos independem da existência de aspectos qualitativos. O zumbi diz que não é um zumbi tal como uma máquina faria, e *qua* máquina, ele não pode saber que não é um zumbi. Em realidade, não há um “ele” no sentido fenomenal. Mesmo admitindo que um

zumbi é incapaz de saber que ele é um zumbi, e que, devido ao problema de outras mentes, eu tampouco sou capaz de determinar se um zumbi tem ou não consciência, isso não implica a possibilidade de que *eu* não seja consciente. Nenhuma argumentação lógica pode eliminar a evidência empírica fundamental da experiência consciente. Isso seria um reducionismo grosseiro, uma tentativa de achatar a profundidade do aspecto interno experiencial ao terreno plano do aspecto externo material. E, novamente, o problema mente-corpo retorna ao divisor de águas inicial.

Apesar do teor epifenomenalista, a possibilidade lógica de zumbis não implica necessariamente que experiências conscientes não exerçam nenhuma influência sobre meus juízos fenomenais. Há outras opções compatíveis, como a sobredeterminação causal do físico e do fenomenal juntos, e principalmente o panprotopsiquismo ou o panexperiencialismo, no qual a consciência participa enquanto propriedade intrínseca do mundo físico.

Outras dezenas de objeções técnicas menores, cuja análise não cabe neste trabalho, podem ser feitas aos argumentos anti-materialistas. Mesmo assim, os argumentos anti-materialistas mantêm-se bastante firmes, de forma a contribuir seriamente para o colapso do materialismo. Se, de fato, o materialismo mostra-se insustentável, isso não significa que o dualismo constitua a única alternativa, muito menos que seja isento de problemas sérios. Muito provavelmente, nem o dualismo, nem o materialismo resolvem o problema da consciência.

Afinal, se este fosse o caso, o problema não estaria tão vivo até hoje. Nem mesmo as mais geniais mentes humanas da ciência e da filosofia conseguiram resolver a questão. Talvez o problema seja apenas solucionável por criaturas dotadas de um aparato cognitivo superior, como sugere McGinn. Ou talvez a solução não possa ser encontrada no nível racional, mas apenas num estágio mais elevado de desenvolvimento da consciência, que transcende o modo racional conhecido. Especulações à parte, o fato é que não há como ignorar a consciência, nem como tentar reduzi-la ontologicamente ao físico.